



**Autora
correspondente**



Ana Lídia da Silva Ferreira
E-mail: eulidiaferreira@gmail.com

História da criação do primeiro curso de graduação em Enfermagem no Piauí, Brasil

History of the creation of the first undergraduate nursing course in Piauí, Brazil

Historia de la creación del primero curso de pregrado en enfermería en Piauí, Brasil

Ana Lídia da Silva Ferreira¹
Alan da Fonseca Soares¹
Patrícia Maria Gomes de Carvalho¹
Ana Maria Ribeiro dos Santos¹
Maria Zélia de Araújo Madeira¹

¹ Universidade Federal do Piauí – UFPI, Centro de Ciências da Saúde – CCS, Departamento de Enfermagem. Teresina, PI, Brasil.

Como citar este artigo (Vancouver):

Ferreira ALS, Soares AF, Carvalho PMG, Santos AMR, Madeira MZA. História da criação do primeiro curso de graduação em Enfermagem no Piauí, Brasil. *Hist Enferm Rev Eletr.* 2025;16:e002. <https://doi.org/10.51234/here.2025.v16.396>.

RESUMO

Objetivo: analisar a criação do primeiro curso de graduação em Enfermagem no Piauí. **Métodos:** pesquisa qualitativa, de abordagem histórico-social, com base na história oral. Análise se deu a partir de fontes orais, oficiais, bibliográficas e documentais sobre o curso. **Resultados:** a análise dos dados compõe as categorias: Formação em enfermagem antes do primeiro curso de graduação em enfermagem no Piauí; Criação do curso de graduação em enfermagem na UFPI; Primeira turma do curso de enfermagem da UFPI; Lutas simbólicas da primeira turma pela implantação e consolidação do curso de graduação; e Formação do ensino e extensão das disciplinas profissionalizantes. **Considerações finais:** o curso de enfermagem da UFPI construiu e promoveu, ao longo dos seus 50 anos de existência, o locus para a consolidação da enfermagem no Piauí. Não é possível conhecer a história da enfermagem piauiense desconhecendo a criação da primeira graduação em enfermagem do estado. **Descritores:** História da Enfermagem; Escolas de Enfermagem; Educação em Enfermagem; Enfermagem; Estudantes de Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to analyze the creation of the first undergraduate nursing course in Piauí. **Methods:** qualitative research, with a historical-social approach, based on oral history. Analysis was based on oral, official, bibliographic and documentary sources about the course. **Results:** data analysis comprises the following categories: Nursing training before the first undergraduate nursing course in Piauí; Creation of the undergraduate nursing course at UFPI; First class of the nursing course at UFPI; Symbolic struggles of the first class for implementing and consolidating the undergraduate course; and Training in teaching and extension of professional subjects. **Final considerations:** the nursing course at UFPI has built and promoted, throughout its 50 years of existence, the locus for the consolidation of nursing in Piauí. It is not possible to know the history of nursing in Piauí without knowing the creation of the first undergraduate nursing degree in the state.

Descriptors: History of Nursing; Schools, Nursing; Education, Nursing; Nursing; Students, Nursing.

RESUMEN

Objetivo: analizar la creación del primero curso de graduación en enfermería en Piauí. **Métodos:** investigación cualitativa, con enfoque histórico-social, basada en la historia oral. El análisis se basó en fuentes orales, oficiales, bibliográficas y documentales sobre el curso. **Resultados:** el análisis de los datos comprende las categorías: Formación en enfermería antes del primer curso de graduación en enfermería en Piauí; Creación del curso de graduación en enfermería de la UFPI; Primera promoción del curso de enfermería de la UFPI; Luchas simbólicas de la primera promoción por la implementación y consolidación del curso de pregrado; y Formación de docentes y extensión de materias profesionales. **Consideraciones finales:** el curso de enfermería de la UFPI construyó y promovió, a lo largo de sus 50 años de existencia, el locus para la consolidación de la enfermería en Piauí. No es posible conocer la historia de la enfermería en Piauí sin conocer la creación del primero curso de enfermería en el estado.

Descritores: Historia de la Enfermería; Facultades de Enfermería; Educación en Enfermería; Enfermería; Estudiantes de Enfermería.

INTRODUÇÃO

A história da Enfermagem mundial sofreu influência direta das várias transformações sanitárias e guerras transcorridas no século XIX. No Brasil, a Enfermagem surgiu nesse contexto de crises sanitárias com base nas pressões exteriores. Também, houve incidência do modelo internacional, que impactou, principalmente, a formação da profissão e dos profissionais. Entretanto, foi na década de 1930, após a modernização, que ocorreu a sua consolidação⁽¹⁾.

No que se refere ao ensino e à história da enfermagem brasileira, a atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e os cursos da Cruz Vermelha Brasileira aparecem em publicações e documentos como precursores. A Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), fundada em 1923, é a primeira escola de Enfermagem moderna no Brasil, em virtude de ter sido a EEAN a primeira escola a funcionar genuinamente sob a orientação e organização de enfermeiras⁽²⁾.

Dessa maneira, a criação da EEAN não implicou o imediato surgimento de outras escolas. Tal fato só veio a acontecer na década de 1930, influenciado pelo modelo de assistência médica curativa, falência do modelo sanitário, ritmo acelerado de urbanização e modernização dos hospitais⁽²⁾. Logo, por muito tempo os cursos de graduação em Enfermagem ficaram concentrados nas regiões Sul e Sudeste. Esse contexto passou a ser mudado com a Reforma Universitária, ocorrida a partir da Lei nº 5540/68, que impulsionou a criação de novas universidades no Brasil, além de favorecer a ampliação dos cursos de Enfermagem, aumentando o número de vagas⁽³⁾.

A educação superior em Enfermagem no Piauí foi oficialmente estabelecida no começo da década de 1970, com a fundação do curso de Enfermagem na Universidade Federal do Piauí (UFPI), que é o objeto deste estudo, em 1973⁽³⁾. A criação desse curso na UFPI atendeu a diversas demandas, sendo motivada pela exigência de profissionais qualificados na área da saúde. Antes do funcionamento do curso, aqueles que desejavam se formar em Enfermagem precisavam se deslocar para outros estados para realizar seus estudos⁽⁴⁾.

Assim, o objetivo deste estudo foi analisar a criação do primeiro curso de graduação em Enfermagem no Piauí. Conhecer os aspectos referentes à criação e implantação do primeiro curso de graduação em Enfermagem no Piauí contribuirá para o resgate da história e memória da profissão e do ensino superior de Enfermagem no Brasil.

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa, de abordagem histórico-social, com base na história oral, resultante de um Trabalho de Conclusão de curso de graduação em enfermagem pela UFPI, defendido em fevereiro de 2024, intitulado "Criação do primeiro curso de graduação em Enfermagem no Piauí"⁽⁵⁾.

A história oral, enquanto metodologia na abordagem qualitativa, apresentou-se como uma possibilidade profícua à realização deste estudo, uma vez que permite incluir, na constituição da pesquisa científica, relatos de fontes circunstancialmente silenciados, olvidadas, ignoradas ou negligenciadas pela história oficial ao seguir registros escritos⁽⁶⁾.

A coleta de dados se deu no período de outubro de 2023 a janeiro de 2024. Os marcos temporais definidos para o estudo consideraram o ano em que foi criado o curso de enfermagem da UFPI (1973) e o ano de conclusão da primeira turma do curso (1977).

O *corpus* documental se deu a partir de fontes orais, de fontes oficiais pertencentes ao Departamento de Enfermagem e à Diretoria de Apoio Acadêmico da UFPI, além de teses e artigos produzidos sobre o curso de Enfermagem da UFPI, bem como a legislação, que autorizou a criação do curso.

Neste estudo, participaram seis professoras (uma ativa e cinco aposentadas) e duas enfermeiras que se formaram na primeira turma. Todas vivenciaram diretamente o processo de criação do curso de Enfermagem no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFPI entre 1973 e 1977. O convite para participar da pesquisa foi feito por meio de trocas de *e-mails*, mensagens via *WhatsApp* e também por telefonemas. As informações necessárias para contatar as entrevistadas foram obtidas a partir de indicações de profissionais da área.

O levantamento da história oral se deu utilizando a técnica da entrevista semiestruturada com o auxílio de um roteiro e utilização de um gravador. Essa técnica combina perguntas fechadas e abertas, na qual o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada⁽⁷⁾. Essa técnica, quando bem conduzida, pode atingir um nível de profundidade e complexidade que não está disponível em outras abordagens investigativas⁽⁸⁾.

As entrevistas aconteceram em locais e horários previamente agendados, de acordo com a disponibilidade das participantes, e duraram em média 45 minutos. O áudio das entrevistas foi transcrito, mantendo-se as palavras e as expressões do sujeito, analisadas à luz da análise de conteúdo temática de Bardin⁽⁸⁾.

Este trabalho centra-se na aplicação da análise de conteúdo para avaliar comunicações, fundamentando-se nas variáveis extraídas da prática de investigação da fonte relacionada ao objeto em questão. A técnica de análise de conteúdo envolve um processo de escolha, seleção e definição de relevância. Assim, a organização da análise vai além de uma leitura superficial, utilizando diversos materiais, como entrevistas, registros hemerográficos e imagens.

Além disso, Laurence Bardin por meio da análise do discurso, proporciona um diálogo entre o objeto e a fonte, alinhado a um método que busca entender a etnologia do termo e seus significados, sem perder de vista seu contexto histórico. Portanto, neste estudo, pretende-se aplicar os conceitos de Bardin para analisar um documento rico em diferentes argumentos⁽⁸⁾.

A pesquisa, por outro lado, fundamenta-se na ideia do que permanece não expresso e como isso pode se revelar intensamente por meio da linguagem não verbal, da entonação vocal e das emoções manifestadas pelo interlocutor. Em outras palavras, os múltiplos significados de uma declaração, assim como os variados símbolos que uma palavra escrita possuía nos documentos, podem ter significados subjacentes que exigem uma análise que vai além da simples interpretação de quem ouve ou lê.

Laurence Bardin, em sua obra “Análise de Conteúdo”, destaca que “os processos de análise de conteúdo obrigam à observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa [...]”^(8:16). Portanto, entende-se que, se esse intervalo está carregado de significado e potencial, torna-se essencial aplicar a análise de conteúdo.

O projeto que deu origem ao presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFPI, sendo aprovado sob Parecer nº 6.516.174.

RESULTADOS

Os dados analisados foram organizados em onze categorias, que incluem: “Movimento para criação do curso”; “Contexto da enfermagem no Piauí antes do curso na UFPI”; “Vestibular”; “Pessoas envolvidas na implementação”; “Local da coordenação”; “Contratação de docentes”; “Currículo”; “Aulas e disciplinas”; “Qualificação”; “Estágios”; e “Congressos”.

O estudo chegou a reunir entrevistas com sete depoentes, selecionados com base em suas experiências relevantes no recorte temporal desta pesquisa. Cada um contribuiu com informações que foram agrupadas nas categorias a seguir. Essas contribuições refletem as percepções sobre a construção do conhecimento no ambiente acadêmico e a estrutura administrativa do curso.

Para compreender as conclusões que levaram à criação do primeiro curso de Enfermagem, foi necessária uma análise dinâmica de cinco entrevistas, que se basearam nas histórias de vida dos participantes. É importante destacar que duas das pessoas entrevistadas não estiveram ativamente envolvidas nos movimentos que pleiteavam a fundação do curso naquela época. Essas categorias foram fundamentais para entender o método de acesso ao curso.

Além disso, foi possível contar com a participação de uma pessoa que comentou sobre os cursos preparatórios para o vestibular, enfatizando que a prova abrange cinco disciplinas e segue um formato único para todos os cursos oferecidos pela universidade federal. Em relação às pessoas que participaram da implementação, foram realizadas seis entrevistas, que exploraram informações como os nomes de líderes políticos, famílias com influência econômica e social, e profissionais de saúde no Piauí que se empenharam nas negociações para a criação do curso de Enfermagem.

Quanto ao local de atuação da coordenação, apenas três entrevistas foram determinantes para esclarecer a infraestrutura física do curso. Os relatos sempre apontaram que a coordenação estava localizada no Hospital de Doença Infecto Contagiosas (HDIC). Isso nos leva a concluir que a gestão pedagógica do curso acontecia fora da universidade, que está situada no bairro Ininga, uma vez que o HDIC se encontra no centro de Teresina, Piauí. Assim, fica claro que o curso de Enfermagem estava vinculado a áreas de atuação no hospital.

No que se refere à contratação de professores, obtivemos informações valiosas a partir de cinco entrevistas. Essas contribuições foram fundamentais para compreender quem integrava o corpo docente, o processo que levou à contratação desses profissionais e a análise da proporção entre homens e mulheres. Quanto ao currículo, cinco entrevistas foram essenciais para estabelecer a estrutura do curso.

Foi observado repetidamente que as disciplinas voltadas para a formação profissional nos anos iniciais são uniformes entre diferentes cursos. Além disso, as aulas eram integradas, promovendo a convivência de alunos das graduações em enfermagem, medicina e odontologia na mesma sala. Esse aspecto das aulas foi destacado em todas as sete entrevistas realizadas, nas quais os participantes ofereceram informações detalhadas sobre o tema, discutindo recursos utilizados nas aulas, materiais didáticos, supervisão nos estágios e a participação de profissionais da área, que eram convidados a compartilhar suas experiências práticas com os alunos.

No que diz respeito à qualificação, somente quatro entrevistas forneceram *insights*, evidenciando que, naquela época, o principal objetivo da formação era a especialização dos educadores por meio de cursos de pós-graduação *stricto sensu* realizados em outros estados. Isso resultou em um número restrito de professores no curso.

Em relação aos estágios, sete entrevistas trouxeram relatos sobre as vivências de alunos e professores da primeira turma. Os estágios eram estruturados em etapas e, geralmente, aconteciam em hospitais estaduais e particulares.

Por outro lado, sobre os congressos, apenas uma pessoa fez observações acerca desse aspecto, citando a participação de docentes e comerciantes da capital do Piauí em seu relato. Assim, durante a análise desta categoria, buscamos outras fontes para complementar as entrevistas, como anais de eventos, fotografias de acervos pessoais, entre outros.

DISCUSSÃO

No ano de 2023, o curso de graduação em enfermagem da UFPI completou 50 anos de sua criação, e analisar sua criação é uma oportunidade para destacar a sua importância na história da Enfermagem brasileira na formação, aprimoramento, produção de conhecimento e fortalecimento da identidade coletiva da profissão.

A criação do curso de graduação em enfermagem será descrita considerando as seguintes categorias: “Formação em enfermagem antes do primeiro curso de graduação em enfermagem no Piauí”; “Criação do curso de graduação em enfermagem na UFPI”; “Primeira turma do curso de enfermagem da UFPI”; “Lutas simbólicas da primeira turma pela implantação e consolidação do curso de graduação”; e “Formação do ensino e extensão das disciplinas profissionalizantes”.

O presente estudo apresentou algumas limitações. Entre elas, encontram-se a indisponibilidade de alguns sujeitos candidatos a depoentes de participarem do estudo e um espaço temporal de 10 anos entre o ano de 1958, criação da escola de auxiliares, e o ano de 1968, ano em que a UFPI foi fundada, em que não encontramos fontes sólidas a constituir esse espaço temporal.

Formação em enfermagem antes do primeiro curso de graduação em enfermagem no Piauí

No Piauí, inicialmente, não existia uma formação voltada para os cuidados assistenciais de Enfermagem; tais cuidados eram prestados pelas religiosas que atuavam não apenas em missões, mas também prestando cuidados aos enfermos⁽⁹⁾.

Em conformidade com o movimento de expansão da rede hospitalar no Brasil, em 1941, foi inaugurado, no Piauí, o Hospital Getúlio Vargas (HGV). Na época, o HGV não possuía qualificação profissional e as atendentes de enfermagem eram treinadas no próprio hospital, pois, nesta época, não havia escolas de enfermagem no estado, e as poucas que haviam no país se localizavam principalmente na região Sudeste⁽¹⁰⁾. Por muitos anos, o HGV contou apenas com o cuidado de religiosas, a exemplo da congregação das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo⁽¹⁰⁾.

Nesse contexto, em 1956, chegou ao Piauí a irmã de caridade Abrahide Alvarenga, enfermeira formada pela EEAN. Ao perceber as deficiências de pessoal de enfermagem, ela promoveu reuniões com as religiosas e enfermeiras que trabalhavam no hospital, com a finalidade de criar um centro educacional para profissionalizar auxiliares de enfermagem que pudessem atender ao HGV⁽¹⁰⁾.

Tínhamos uma grande líder, que foi a Abrahide Alvarenga. Ela construiu a Escola de Auxiliares de Enfermagem Antoinette Blanchot, que é hoje onde funciona a Faculdade de Ciências Médicas (FACIME/UESPI). Aquele prédio, foi ela que conseguiu construir na década de 1950. Era extremamente ativa (Depoente 1).

Assim, no dia 28 de junho de 1958, foi fundada a primeira escola de auxiliar de Enfermagem no Piauí⁽¹⁰⁾. A instituição recebeu o nome de Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Maria Antoinette Blanchot, em homenagem à irmã francesa que iniciou o processo de formação das irmãs vicentinas, desempenhando forte influência na difusão das escolas de Enfermagem católicas no Brasil⁽⁹⁾.

Desse modo, emerge o estudo da criação do primeiro curso de Enfermagem no Piauí. Para tanto, remete-se “A Fundação Universidade Federal do Piauí – FUFPI, órgão mantenedor da UFPI, foi criada pela Lei nº 5.518, de 12 de novembro 1968”⁽¹¹⁾. Os cursos que existiam antes da graduação de Enfermagem, na área da saúde, eram os de medicina e odontologia.

Em virtude da carência de graduação em Enfermagem no Piauí, o percurso destinado às pessoas que desejavam essa formação era o de buscar esses conhecimentos fora do Estado, como podemos observar nos depoimentos abaixo:

No período de 1966 e 1967, após conclusão do ensino médio, eu queria muito cursar enfermagem, mas não havia possibilidade, pois o mesmo ainda não existia no estado do Piauí. Em 1968, decidi ir fazer vestibular em São Luís, no Maranhão, aonde fui aprovada para o curso de enfermagem. Desde cedo, sempre estive envolvida com esse maravilhoso processo do cuidar... então, o curso foi realizado no período de 1968 a 1971 e, posteriormente, comecei a trabalhar em Caxias, no Maranhão, prestando a assistência de enfermagem, inclusive residindo no próprio hospital (Depoente 5).

Normalmente, as enfermeiras vinham de outros estados. Às vezes, as famílias mandavam os filhos para estudar em outras capitais, mandava para Fortaleza, mandavam para Recife (Depoente 7).

As dinâmicas de ações quanto à busca pela graduação em Enfermagem em outros estados dialogam no contexto piauiense com a realidade a nível nacional. Havia a recomendação com urgência por qualificar recursos humanos no ensino superior no curso de Enfermagem.

Neste contexto, podemos compreender a ampliação dos cursos de graduação em Enfermagem no Brasil durante a década de 1970 do século XX. Ao realizar uma análise comparativa entre as décadas de 1960 e 1970, observa-se um crescimento significativo na quantidade de cursos, passando de 30 para 61 ao final de cada década. Isso demonstra um equilíbrio na criação de cursos de graduação em Enfermagem nos períodos de 1923 a 1970, somando 40 anos, e de 1971 a 1980, abrangendo 10 anos⁽¹²⁾.

Portanto, a criação, implantação e consolidação do curso de graduação em Enfermagem na UFPI, entre os anos de 1973 e 1977, outra vez contrapondo a base da política de incremento do ensino superior de Enfermagem no Brasil, logo indica que o Estado permanecia com a necessidade em atender à demanda de formação de recursos humanos de Enfermagem.

Criação do curso de graduação em enfermagem na UFPI

A criação do curso de enfermagem veio atender a demandas sociais e institucionais. O curso de enfermagem foi criado juntamente com CCS, em 1973, e impulsionado pelo movimento de expansão dos cursos de Enfermagem no Brasil, a partir da década de 1970, com determinantes históricos, como o Plano Decenal de Saúde para as Américas, ocorrido em 1972, cuja meta foi aumentar o quantitativo de enfermeiros no país.

Esse fato influenciou a ampliação do número de vagas e a abertura de novas escolas de Enfermagem⁽³⁾. Por isso que a meta do Plano Decenal de Saúde foi imprescindível para a realidade quantitativa de enfermeiros. No Piauí, era insuficiente o número de profissionais graduados em Enfermagem, como relatado:

No Piauí, tinham pouquíssimas enfermeiras. Foi por isso que eles criaram o curso. Era a maior deficiência de enfermeiras (Depoente 3).

Nós tínhamos aproximadamente nove enfermeiras [...] as enfermeiras vinham da secretaria, davam apoio, mas quem trabalhava na assistência de fato era o auxiliar de enfermagem (Depoente 5).

Não obstante, o intuito era aproveitar a infraestrutura e os recursos humanos comuns aos dois cursos já existentes. Além disso, falava-se em atender à demanda por um curso que fosse racionalizado em sua organização e tivesse custos baixos. Todavia, principalmente "(...) para carrear verbas para a universidade e para o CCS [...]"^(11:188). Tal fato foi relatado pela depoente:

O curso de enfermagem foi criado basicamente para compor o Centro de Ciências da Saúde (CCS). Existia o curso de medicina e odontologia, e o ideal era pelo menos três cursos, por isso optou-se por enfermagem (Depoente 1).

O curso foi por um período inclinado à dependência do Departamento de Medicina, "à época, reduto das lideranças político-partidárias locais e do poder oligárquico constituído no Estado"^(11:189), refletindo o retrocesso para difundir a projeção do seu desenvolvimento estrutural na UFPI até o processo de efetivação do Departamento de Enfermagem.

No que diz respeito ao ensino superior, a presença das lideranças político-partidárias sempre foi uma constante na história do Piauí. Suas influências podem ser observadas desde a fundação da primeira universidade no estado, em 1968. Com relação à Enfermagem, suas ações tiveram impactos, tanto contribuindo quanto criando desafios. Em 1973, a reitoria estava sob a liderança de Hércio Ulhôa Saraiva, natural de Minas Gerais, que mais tarde foi sucedido por José Camillo da Silveira Filho. O diretor do centro era José Nathan Portella Nunes, conforme registrado:

O reitor, à época, era o José Camilo da Silveira. Ele era uma pessoa de alma generosa e muito alegre. O diretor do centro era o Nathan, da família Portella, uma família importante [...] entre as pessoas da época, tinha também o Livio Parente, que foi diretor do centro em uma ocasião (Depoente 1).

Quem era o diretor do centro era o Dr. Nathan Portella, que, na ocasião, também era também diretor do Hospital de Doenças Infecto Contagiosas (HDIC). O reitor envolvido antes do Camilo Filho era o mineiro Hécio Ulhôa, mas o Camilo Filho foi quem deu um impulso muito bom no curso. Era muito simpático, muito alegre (Depoente 6).

Interessante analisar que o poder oligárquico das famílias piauienses prevalece mesmo na atualidade, com reflexo em instituições de ensino superior públicas e privadas em Teresina, bem como a articulação dessa relação político-partidária nas instituições de serviço de saúde no Piauí durante os anos 70 do século XX. Dessa maneira, são destacadas as razões que fundamentaram a criação do curso de Enfermagem, além da importância de resolver possíveis desafios para garantir a solidez da UFPI, conectando-a ao serviço de saúde por meio da formação de qualidade dos seus profissionais de graduação para a sociedade.

Em relação à infraestrutura física, vale ressaltar que, durante alguns anos, o curso não dispunha de um espaço específico. Até 1975, a coordenação do curso de enfermagem esteve sob a supervisão do CCS, e os docentes eram aqueles que já atuavam nas áreas de odontologia e medicina.

ós não tínhamos campo, não tínhamos o Departamento de Enfermagem. Nosso curso era ligado ao Departamento de Medicina. Naquela época, a sala que ficava a coordenação do curso era no HDIC, nós funcionávamos numa salinha lá (Depoente 2).

O primeiro vestibular para o curso de Enfermagem na UFPI aconteceu no mesmo ano da criação do curso, em 1973, e foram ofertadas 40 vagas aos vestibulandos, divididas em dois períodos com oferta de 20 vagas cada um, com autorização para o funcionamento em 1974, no ato da Reitoria nº 198/74, reconhecido sob o Parecer nº 2.137/1978 do Conselho Federal de Educação⁽³⁾.

íamos na universidade, nos inscrevamos no curso que queríamos. Então, prestava-se a prova. Fazia-se uma prova comum, sem redação. Por exemplo, a prova era a mesma, para todos os cursos. Ou seja, enfermagem, odontologia, matemática, independente de qual fosse a opção pelo curso, a prova era a mesma (Depoente 7).

O mecanismo de seleção dos candidatos para ingresso nas vagas foi realizado por meio da aplicação de prova para seleção dos inscritos no curso. Avaliavam-se os conteúdos e língua estrangeira, matemática, conhecimentos gerais, entre outras. Entretanto, não havia a aplicação de redação.

Primeira turma do curso de enfermagem da UFPI

Em 1973, ingressaram na primeira turma do curso de enfermagem 20 mulheres piauienses, o que reforça a presença feminina na Enfermagem comum na época; destas, apenas 15 concluíram o curso em 1977. A seguir, os nomes das concludentes eram Ana Maria Leite Pereria, Francinete Paula Silva Dantas Avelino, Hilda Martins Freitas, Inez Bandeira de Macêdo Coelho, Lenira Guerra Menezes, Margarida Maria Rodrigues Sales, Maria Bruno de Carvalho, Maria da Penha Carvalho Matos, Maria da Trindade Ferreira, Maria de Jesus Lima, Maria do Carmo Messias, Maria José Viana Neves, Maria Marlene de Macêdo, Raimunda Alves da Silva e Rosa Lúcia Fernandes Lopes⁽¹³⁾.

Cinco alunas não concluíram o curso, segundo depoentes, porque, durante as disciplinas básicas, optaram por seguir outros caminhos, seja escolhendo outros cursos na UFPI, seja seguindo um caminho diferente do ensino superior.

Uma vez que se reflete em uma realidade a respeito do curso de Enfermagem na UFPI por um determinado período histórico, a presença de apenas mulheres nas vagas ofertadas já não é perceptível da mesma maneira nos demais cursos da área da saúde no século XX (Figuras 1 e 2).

Em uma apreciação iconográfica, ressalta-se que os recursos humanos para a Enfermagem a se qualificar naquela primeira turma foram constituídos apenas por mulheres. Outrossim, os sujeitos históricos delineados a depoentes não silenciaram quanto à inferência de suas lutas para manter a escolha pelo curso de Enfermagem, tal como se destaca:

Eu passei, teve um vestibular, a minha vida inteira eu sonhava em ser enfermeira. Tanto que eu tive convite várias vezes para sair da enfermagem e ir para a medicina. Nunca aceitei, porque eu não queria medicina (Depoente 3).



Figura 1 - Foto oficial da primeira turma de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí de 1973 até 1977

Fonte: Museu da Enfermagem da Universidade Federal do Piauí (MEUFPI).



Figura 2 - Placa da 1ª turma confeccionada para a confraternização de 30 anos – Jubileu de Prata

Fonte: galeria de exposição de placas (DENF/CCS/UFPI).

Nós já estávamos por dois anos na universidade, sem ter aonde matricular, porque não tinha disciplina. Aí sabe o que foi a solução do diretor do centro na época? “Olha, nós podemos fazer um arranjo. Nós resolvemos já o seu problema, se você não tem mais disciplina para fazer, você muda de curso. Você passa para medicina”. Dr. Nathan, se eu quisesse medicina, tinha feito um vestibular para medicina, porque eu tinha capacidade de passar. Eu não estou na enfermagem, porque eu não passei na medicina. Eu quero é enfermagem. Eu fiz o vestibular foi para enfermagem (Depoente 3).

Ao destacar o desejo pela escolha do curso de Enfermagem em virtude da proposta para transferência ao curso de medicina, evidenciam-se as problemáticas da implantação do curso. Após dois anos de ingresso em Enfermagem na UFPI, ainda não existiam um quadro de docentes suficientes a garantir a continuidade do estudo da estrutura curricular. Assim, ao relatar o fim do ciclo de pré-profissionalização, comum a outros cursos, tornou-se impossível a continuidade do curso por não haver mais disciplinas a cursar:

Quando eu cheguei aqui, o curso já havia sido criado. O curso tinha sido criado, sem enfermeiras participando. Foi muito difícil para as primeiras turmas, principalmente para a primeira, porque elas cursaram todas as disciplinas que tinham em comum com os demais cursos a constar na grade e que precisavam cursar, mas quando chegou a hora das específicas da enfermagem, não tinha docentes com formação na área para ministrá-las. Isso foi o quadro que encontrei (Depoente 2).

O ano de 1975 foi significativo para as estudantes, já que o curso havia sido estabelecido em 1973. No entanto, em relação à responsabilidade da administração da UFPI em criar o Departamento de Enfermagem e proporcionar as condições adequadas para a formação da primeira turma, houve uma negligência que se manifestou na sugestão de transferi-las para o curso de medicina, o que indicaria um abreviamento para consolidação do curso de Enfermagem. Assim, em vez de resolver as questões relativas ao currículo e anunciar à sociedade a formatura da primeira turma de Enfermagem, assegurando um direito para as 15 discentes do curso, e elas tiveram que se mobilizar para garantir seus próprios direitos.

Lutas simbólicas da primeira turma pela implantação e consolidação do curso de graduação em Enfermagem

Contrariando, as questões relativas ao sistema vigente, as estudantes de Enfermagem do Piauí a partir de 1975 implementaram uma árdua batalha, como foi constatado nas reflexões realizadas pelos depoentes. “Pois as estudantes do CE/UFPI estavam às voltas com problemas de ordem curricular e ainda assim não participaram da construção da primeira grade curricular”^(14:255). A vida acadêmica no curso de Enfermagem só foi vivenciada pelas discentes após suas lutas simbólicas.

Portanto, começou a mobilização das alunas com a finalidade de chamar atenção da administração superior a respeito da desorganização que ameaçou o reconhecimento do curso. Mesmo antes de finalizar a primeira etapa do curso, com as disciplinas pré-profissionalizantes, houve transcurso árduo dessas mulheres em prol da materialidade da realização dos seus sonhos: formar-se em Enfermagem no Piauí. Com esse propósito,

Os alunos já tinham denunciado a precariedade do curso de enfermagem, então Carlota teve a coragem de publicar isso no jornal. Vocês sabem que hoje, infelizmente, os grandes veículos de comunicação, os grandes jornais, são todos patrocinados pelo governo. Naquela época, também era, mas ela conseguiu publicar a situação do curso de enfermagem. A admissão no quadro docente da UFPI da primeira professora enfermeira para ser coordenadora do curso de enfermagem se deu por isso! Eu tenho certeza (Depoente 1).

Quando foi em 1975/1976, começou o movimento das alunas, juntamente com a professora Carlota Lina, falecida em março de 2023. Fizeram um grande movimento, saiu nas páginas dos jornais com relação a esse curso. A Carlota participou do movimento todo. Foi a primeira enfermeira contratada para a UFPI, mas não para o curso de enfermagem, e sim para o de medicina. Eles não a chamaram para a coordenação do curso, chamaram a professora Lídy, que chegou no Piauí e não conhecia muito as enfermeiras do estado (Depoente 5).

Vale destacar o destaque alusivo à contratação de Lídy Tolstenko Nogueira, que chegou ao Piauí sem conhecer muito sobre as enfermeiras atuantes naquele estado, e à não contratação de Carlota Lina como professora pioneira naquele curso, mesmo ela sendo piauiense e já formada em enfermagem pela Universidade

Federal de Minas Gerais (UFMG) naquele ano. Ainda assim, somando sua contribuição e dedicação para a implantação do curso, como anunciam as depoentes, ela não foi convidada a sair do curso de medicina e compor o quadro docente no curso de Enfermagem.

A priori, induz a uma apreciação sobre relação de poder impetrada para além da competência e capacidade de ambas as profissionais supracitadas. Carlota Lina foi quem implementou a público denúncia ao descaso administrativo e predileção institucional por determinados cursos na área da saúde na UFPI.

A seguir, apresenta-se a iconografia do jornal, sendo que a manchete ganhou destaque na primeira página e está com a chamada do título em negrito, diferenciando das demais reportagens naquela página, com a sua localização acima mesmo da chancela do jornal.

Assim, aquelas características da apresentação da reportagem demonstram a estratégia da imprensa e indicar o impacto daquela notícia na sociedade para garantir a venda do jornal naquele dia (Figura 3)⁽¹⁵⁾.

Prontamente, após a publicação da manchete, a administração superior da UFPI tomou providências e contratou a primeira enfermeira para a coordenação do curso: Lídyia Tolstenko Nogueira. Com a publicidade, reforça-se a importância de ter tornado aquelas dificuldades e desorganização disponíveis ao público, visto que, passados dois anos de início do curso, as alunas estavam sem o aproveitamento das disciplinas do profissional, prejudicando as discentes por ter provido o adiamento da conclusão em quatro anos, ao destacar que elas estavam a um semestre sem frequentar as aulas.



Figura 3 - Foto da capa do jornal O Dia de 03 de outubro de 1975

Fonte: Arquivo Público do Piauí (APPI)⁽¹⁵⁾.

DESORGANIZAÇÃO AMEAÇA O CURSO DE ENFERMAGEM

Os estudantes universitários das três turmas de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí, estão propensos a abandonar o curso, devido a falta de organização e a não estruturação do seu Departamento. Os estudantes reclamam que desde quando foi fundado o curso, em 1973, ainda não houve aproveitamento de nenhum deles no profissional, o que vem retardando a conclusão do referido curso. Há mais de um semestre que a turma de Enfermagem da Universidade Federal está praticamente sem frequentar as aulas, numa ociosidade pouco recomendável para quem pretende concluir um ensino superior num período de quatro anos. A atitude da UFPI, inclusive, está indo de encontro às pretensões do Ministério da Saúde, que quase diariamente mostra a necessidade de mais enfermeiros, em curto prazo, a fim de auxiliarem os médicos na elogiável função de salvar vidas. Em recente congresso de Enfermagem realizado na capital pernambucana, todos os conferencistas demonstraram a necessidade urgente da formação de enfermeiros no país. Em dados concretos, foi comprovada a insuficiência de enfermeiras, pois existem apenas uma enfermeira para oito médicos, enquanto nos países mais desenvolvidos a situação é inversa, são seis enfermeiras para cada médico. Uma das sugestões apresentadas no Congresso foi a adoção de incentivos para estimular a demanda aos cursos de Enfermagem, fato que infelizmente não vem ocorrendo no Piauí⁽¹⁵⁾.

A grade curricular do curso foi constituída após o reitor convidar a Dr.^a Isaltina Goulart de Azevedo. Era, na ocasião, a diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG). O reitor da época era mineiro. Então, ele a chamou. Vieram, montaram uma grade curricular (Depoente 1).

Na década de 1970, os currículos de Enfermagem seguiam a orientação do Parecer nº 163/72, por força da Lei nº 5540/68 da Reforma Universitária, no qual a estrutura curricular aprovada para o funcionamento do curso na UFPI foi elaborada em conformidade ao currículo mínimo fixado pela Resolução nº 04/72 do Conselho Federal de Educação. Esses mantinham uma grade com três fases sucessivas: pré-profissional, tronco profissional comum e habilitações na área da Enfermagem médico-cirúrgico, enfermagem obstétrica e enfermagem de saúde pública⁽¹⁶⁾.

Mais uma vez, o prejuízo sofrido pela primeira turma de Enfermagem da UFPI se coadunava ao tempo de estudo e à sua qualificação. Não obstante, a ausência de organização administrativa inviabilizou a formação com as três fases sucessivas já anunciadas. Dito isto,

No caso do Piauí, tendo em vista que os alunos de enfermagem consumiam três anos letivos cursando disciplinas pré-profissionalizantes, tornava-se inviável, naquele momento, incluir qualquer modalidade de habilitação, pois o ciclo profissionalizante foi programado para ser desenvolvido em apenas três semestres letivos para possibilitar a formação do enfermeiro no prazo mínimo de quatro anos e meio^(14:255).

O curso foi dividido em duas partes: a primeira foi denominada pré-profissional, com duração de três anos letivos; e a segunda foi denominada profissional, com duração de três semestres letivos, a finalizar o curso em quatro anos e meio. As disciplinas do pré-profissional tinham a sua carga horária dividida em atividades teóricas e práticas. Já as disciplinas do profissional tinham a sua carga horária dividida em atividades teóricas, práticas e atividades de desempenho que equivaliam aos estágios nos campos de prática. Nesse objetivo, temos:

Conheci a Carlota, graças a Deus! Ela me orientou a fazer uma carta para a coordenadora geral que fiscalizava todas essas instalações de curso. O nome dela era Jaqueline. A Carlota arranhou o endereço, arranhou tudo e fez a carta junto comigo. Eu assinei e disse: "Carlota, sabe de uma coisa? Eu não vou assinar sozinha!". Foi quando ela afirmou: "Mas, eu não posso assinar!". Respondi a ela: "Não se preocupe, a turma vai assinar junto comigo porque esta carta beneficia não é só a mim, beneficia a todos". Assinei e as outras todas assinaram. Nós mandamos. Não demorou nada, veio a fiscalização. Veio e o negócio ficou preto no instante, mas foi uma correria para implantarem o curso. Foi quando finalmente nos ofertaram as disciplinas (Depoente 3).

A priori, seria criado o Departamento de Enfermagem. De acordo com as diretrizes da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), eram necessários, no mínimo, dez professores para a criação do departamento⁽¹¹⁾. Entretanto, como notificado na manchete do jornal O Dia, em 03 de outubro de 1975, não foi o que ocorreu nos anos iniciais de implantação do curso, impondo relação de recomendação inconciliáveis entre a ABEn/PI e as lideranças, políticas e do CCS.

Nós não éramos departamento. Ficamos inseridas no Departamento de Medicina Comunitária, ao qual pertencia ao diretor do Centro de Ciências da Saúde, Professor Nathan Portella (Depoente 1).

Somente, depois obteve-se o reconhecido (MEC) como curso criado, dividido em departamento, ficamos no Departamento de Enfermagem. Lembro que uma tarde eu estava só, na coordenação, quando recebi um telefonema do Petrônio Portella, avisando e parabenizando que o curso tinha sido reconhecido (Depoente 2).

Consta na terceira página do referido jornal a matéria completa (Figura 4)^(15:3). Em um recorte, anuncia-se:



Figura 4 - Foto da matéria no jornal O Dia, 03 de outubro de 1975, p. 03

Fonte: Arquivo Público do Piauí (APPI)⁽¹⁵⁾.

ENFERMAGEM EM CRISE NO PIAUÍ

O curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí está em crise, as três únicas turmas existentes estão praticamente paradas, sem poder frequentar o profissional, devido a falta de organização da própria Universidade, que até o momento não estruturou o seu Departamento, apesar dos dois anos da criação do curso. O curso de Enfermagem foi aberto em 1973 pela Universidade Federal do Piauí, oferecendo 40 vagas aos vestibulandos, divididas em dois períodos. Dois anos depois (1975), ao menos 40 alunos heroicamente aprovados continuam estudando as mesmas matérias do básico porque o Departamento de Enfermagem ainda não foi estruturado.

PREJUDICADOS

Sentindo-se prejudicados, os estudantes de enfermagem estão desestimulados e propensos a abandonar o curso, tudo por falta de organização e de como foi implantado no Piauí. A maioria dos estudantes que passou no vestibular de Enfermagem em 1973 há mais de um semestre está ociosa, à espera de que a Universidade forme seu Departamento de Enfermagem, para que possam dar continuidade ao curso que já devia estar na fase de complementação [...]^(15:3).

Desse modo, a reportagem ressalta a necessidade de estabelecer o Departamento de Enfermagem a fim de possibilitar a ininterruptão dos estudos no curso, já que o mesmo deveria estar na fase das disciplinas do profissional. O fato de não haver possibilidade de continuidade na estrutura curricular obrigou os alunos do primeiro grupo a manterem a assiduidade nos estudos, cursando repetidamente as mesmas disciplinas pré-profissionais do currículo, sem abandonar o ciclo básico.

Sim, os alunos passavam no vestibular, eles começavam pelo curso básico anatomia, fisiologia (Depoente 4).

No começo, fazíamos português, matemática, química e física. Essas matérias era o básico. Era todo mundo junto. Depois, a gente passava para as clínicas; nessas, se fazia fisiologia, anatomia, matérias da saúde com medicina e odontologia (Depoente 7).

Logo, no ano de 1976, foram contratadas cinco novas professoras para a continuidade do curso. Estas professoras davam todas as disciplinas, tanto teoria quanto prática, no entanto houve uma insatisfação, principalmente por parte das alunas, visto que todas as professoras eram recém-formadas e não tinham experiência em sala de aula como docente e muito menos como enfermeiras no campo de estágio⁽¹¹⁾.

A contratação constava com os nomes das professoras Maria José Rodrigues de Moraes, Inez Sampaio Nery, Maria Aparecida Área Leão, Maria Íris Mendes Rocha e Maria Helena Barros Araújo Luz, todas piauienses formadas na graduação de Enfermagem em outros estados:

Em janeiro de 76, foram contratadas três professoras: Maria José, Aparecida e Inêz Nery. E em julho, foi contratada a Maria Helena e a Maria Iris (Depoente 1).

Eu fui admitida pela Universidade Federal do Piauí em 1976. Eu retornei ao Piauí em 1973, exatamente na época que o curso foi criado pela UFPI. Só que eles não admitiram profissionais da enfermagem em 1973 [...]. Quando começaram a contratar, chamaram a Maria José Moraes, chamaram também Aparecida e eu acredito que fui a terceira ali na linha de contratações. Aí, por volta do mês de agosto, já foi admitida mais duas professoras, que foi a professora Maria Helena e a professora Íris (Depoente 5).

Porém, as tentativas de resolução do problema do próprio CCS foram inúteis, logo depois da denúncia do descaso com o curso diretamente ao Ministério da Educação. Em contrapartida, aconteceu uma auditoria na universidade para saber onde estariam sendo aplicadas as verbas destinadas ao curso de enfermagem.

Foi uma grande luta. Quando se cria um curso vem o dinheiro, verba para a criação daquele curso, só que gastaram o dinheiro da verba do nosso curso. Simplesmente depois, eu descobri, tinham gastado tudo com outras coisas, outros cursos, como medicina, por exemplo, e a enfermagem ficou no zero (Depoente 3).

Naquela época, a gente era muito precário em relação a material, em relação a professor, porque nós começamos sem ter uma coordenação de enfermagem. Como os nossos recursos eram poucos, achei que foi bom o curso, porque nos empenhávamos muito. Os professores também se empenharam, deu certo (Depoente 7).

Temos perspectivas congruentes com relação às dificuldades enfrentadas para ter uma estrutura administrativa autônoma do curso. A questão dos recursos financeiros apontou que havia transferência de verbas para a esfera administrativa da instituição, a fim de prover a estrutura do curso recém-criado. Além disso, permite analisar que o resultado da boa formação foi em virtude exclusiva dos esforços dos recursos humanos e da vontade de fazer dar certo, pois o curso ficou sem recursos, com nenhuma expectativa naquele momento de obter verbas para ser estruturado.

A luta da primeira turma pelo curso permitiu sua implementação, que já contava com o Departamento de Enfermagem, um currículo estruturado e uma equipe de professoras que assegurava a formação profissional com a colaboração de enfermeiras. No entanto, era importante continuar lutando pela consolidação do curso, incluindo a formalização das aulas, a realização de estágios e a participação em congressos, para garantir que o processo culminasse na cerimônia de colação de grau.

Formação do ensino e extensão das disciplinas profissionalizantes

Em um segundo momento, as discentes da primeira turma, agora somando-se aos esforços das docentes enfermeiras recém-admitidas, prosseguiram com a batalha em um novo campo de ação, como o da aprendizagem em sala de aula. A força de vontade, naquele momento histórico, garantiu o prélio de ambas as profissionais, sejam elas as discentes ou as professoras.

Os desafios eram enormes, e as dificuldades perpassavam a falta de estrutura física no que diz respeito aos materiais diversos, desde a disponibilidade dos livros até o livre acesso ao estudo destinado às alunas e professoras.

Os recursos de ensino eram precários, concentrados em transparências e retroprojeter. Como as folhas de acetato para as transparências eram caras e raramente a universidade as comprava, nós improvisávamos com papel celofane. Recortávamos o celofane, escrevíamos e projetávamos para os alunos, que gastavam muito tempo copiando a projeção. Ainda, tínhamos as apostilas datilografadas em *stencil* e depois reproduzidas no mimeógrafo. Tudo isso porque começamos sem livros didáticos. Fizemos uma solicitação de livros. Foram comprados, mas a primeira turma foi muito sacrificada (Depoente 1).

As condições de infraestrutura de ensino eram precárias para que as docentes pudessem ministrar suas aulas com o mínimo de qualidade, fazendo alusão aos materiais de difusão tecnológica para o ensino da época, como os retroprojetores, em especial, seus insumos. Um processo educacional de ensino-aprendizagem requer a disponibilidade de recursos didáticos a um melhor planejamento das aulas, sejam essas teóricas ou práticas. Naquela época, as professoras preparavam suas aulas com transparências feita a mão, sem o mimeógrafo.

A gente atuava dando as aulas e acompanhando nos estágios. Só que, nessa época, não tinha especialização. Éramos professora onde precisasse. A aula era expositiva e dialogada. Convidávamos muitos professores da área, da medicina, para os assuntos mais específicos. Convidávamos com antecedência para tal dia e hora, eles davam a aula e, na hora que eles saíam, a gente entrava com a parte da enfermagem, os cuidados da enfermagem, como a enfermagem atuava, nós fazíamos muito isto. Tinha o retroprojetor com as transparências feitos a mão (Depoente 2).

As docentes argumentam sobre a necessidade de estarem presentes em várias frentes do ensino, visto que não havia uma especialização a definir as disciplinas que cada uma deveria estar apta a ministrar. Esse fato indica a convergência de um universo novo a todos que participaram daquele processo de formação das disciplinas profissionalizantes, sejam as discentes ou docentes, pois todas elas tiveram que se adaptar às condições limitantes que lhes foram impostas naquela época.

Observa-se a responsabilidade das docentes em garantir o melhor ensino para suas alunas, visto que o desafio foi compartilhado diante do imperativo de ampliar o conhecimento por meio de convites feitos a professores da área da saúde, o que possibilitava uma concepção geral de determinado tema. Foi uma estratégia que garantiu às professoras que se concentrassem no processo de ensino-aprendizagem de conteúdo específico da Enfermagem.

Quanto ao ensino das disciplinas, fica evidenciado que tanto professoras quanto as alunas não mediram esforços para manter a sua qualidade, a partir da compreensão do ensino de disciplinas teóricas, como já definido em suas memórias sempre seguidas de ausências, sejam elas de livros didáticos, específicos, qualificação em especialidades para as docentes, material de apoio didático para uma melhor explanação dos conteúdos, bem como uma formação mais adequada na execução da aula.

Durante o ciclo profissionalizante da grade curricular de Enfermagem, não havia a distinção no currículo entre teoria e prática, de modo que a prática da formação de disciplinas da segunda parte da grade acontecia de maneira assíncrona às aulas teóricas. Ressalta-se que o estágio não aconteceu para a primeira turma da mesma maneira que aconteceria para as demais turmas.

Não existia o estágio à parte. O estágio era junto com a disciplina. O ensino das disciplinas acontecia com as teorias e as práticas juntas. Nós fazíamos o acompanhamento, era um estágio mesmo, era um estágio que nós fazíamos acompanhamento no hospital. Então, depois, com a reformulação universitária, passou a desmembrar estágio 1, estágio 2 (Depoente 6).

Além disso, docentes e discentes tiveram que se organizar durante o desenvolvimento curricular. A nomenclatura de disciplina – estágio – não existia enquanto requisito na estrutura curricular do curso, pois as alunas eram assistidas pelas professoras em acompanhamento “hospitalar” durante a parte prática da disciplina. Já exposta nesse texto, ela acontecia em paralelo com a parte teórica.

As práticas eram nos hospitais da rede pública. Nós tínhamos também estágio na rede privada. Este, por exemplo, acontecia no Hospital Santa Maria. Eles nos pagavam para sermos estagiárias. Era estágio remunerado. Eu fiz estágio no Hospital Santa Maria, juntamente com outras alunas. É tanto que, quando terminei o meu curso, fui fazer uma complementação em médico-cirúrgico no Rio de Janeiro. Quando retornei ao Piauí, fui admitida no Santa Maria, mesmo hospital no qual eu fiz estágio (Depoente 7).

É bastante peculiar nesse depoimento a importância de cursar o complemento prático das disciplinas teóricas nos hospitais da rede de saúde presente no estado do Piauí, pela formação inicial de aprendizado acompanhado pelas professoras, muito semelhante ao funcionamento de estágio curricular.

Vale, nesse momento, reportar que a estrutura curricular planejada para o curso de Enfermagem na UFPI não atendia s três fases curricular: pré-profissional, profissional comum e habilitações na área da de Enfermagem.

Portanto, a oportunidade de as discentes durante a prática do ensino obter recursos financeiros antes de concluir a graduação foi favorável por fomentar uma possível qualificação dos estudos em outros estados, visto que, no Piauí, essa complementação ainda não era viável.

Além disso, destaca-se o valioso diferencial das mulheres piauienses que retornam ao seu estado contribuindo para o mercado de trabalho na área da saúde, com conhecimentos atualizados sobre enfermagem, e ampliando a qualidade do atendimento nos serviços públicos e privados.

Os estágios eram muito bons, nós éramos extremamente aguardados nos campos. Eram pouquíssimas enfermeiras trabalhando. A maternidade São Vicente contava com uma enfermeira, o HDIC também. E era para tudo, a enfermeira chefe, fazia tudo. No HGV, quando cheguei, já não tinha mais religiosas, mas era muito reduzido o número de enfermeiras. Era uma enfermeira para a noite, uma para a tarde, uma para a supervisão noturna. E em algumas clínicas com enfermeiros, os alunos eram muito esperados, porque eles vinham com conhecimento novo, fresquinho na cabeça (Depoente 1).

Dessa forma, é manifestada a importância da prática acompanhada na rede de saúde, garantindo uma correspondência entre os saberes acadêmicos e comunitários. Nesse modelo, o ensino garantia aprendizagem às alunas e aos profissionais das instituições que as recebiam, a vigorar a necessidade daquela primeira turma de se formar para além do fato da consolidação do curso de graduação em Enfermagem na UFPI em 1977.

Ademais, o interesse vai ao encontro da motivação da criação do mesmo, qual seja ampliar a oferta de profissionais de da Enfermagem no mercado de trabalho, com consequente aumento de recursos humanos nessa área no Piauí, pois as enfermeiras eram extremamente aguardadas, como já se anunciou nesse texto e no depoimento acima.

Além disso, estavam atentas às formações de extensão quanto à participação em congressos, buscando aprimorar seus conhecimentos e interagir com temas nacionais e regionais, expandindo os seus conhecimentos e interagindo com questões nacionais e regionais. Essas questões se revelam promissoras em contextos de eventos científicos, já que proporcionam a oportunidade de estabelecer contatos com estudantes e profissionais de diferentes regiões do Brasil. Isso enriquece as experiências, não apenas em temas acadêmicos, mas também em discussões realizadas nas assembleias, com o objetivo de fortalecer a atuação profissional na área da Enfermagem.

No registro da Assembleia de Delegados do XXVII Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado em Salvador/BA, no ano de 1975, a Ata da Assembleia⁽¹⁷⁾ apresenta diversas recomendações que reforçam os temas discutidos nos congressos, ligando o debate político às melhorias e desafios enfrentados pelo curso de Enfermagem no contexto nacional. Nesse evento em específico, houve recomendações direcionadas, a seguir, para: os diretores de hospitais universitários e de escolas de enfermagem; as enfermeiras dos serviços de enfermagem; as docentes de enfermagem; as diretoras de escolas de enfermagem; os dirigentes dos serviços de saúde; as enfermeiras dos serviços de saúde; os dirigentes de hospitais; os serviços especializados de saúde; as (os) enfermeiras (os) de serviço; as escolas de enfermagem que oferecem residência; as (os) enfermeiras (os); e a ABEn. Além das moções aprovadas pela Assembleia de Delegados, aquele ano de 1975 foi o mesmo ano que a primeira turma estava conquistando a implantação do curso de Enfermagem.

Agregado as recomendações do XXVII congresso ocorrido em Salvador, na Bahia, pode-se observar que os eixos de considerações a serem conquistados na área da Enfermagem eram amplos. Os requerimentos abrangeram instituições externas e internas dos cursos de graduação, desde diretores hospitalares (mercado de trabalho), escolas de Enfermagem (ensino), enfermeiras (profissionais), até a ABEn (associação) (Figura 5)⁽¹⁷⁾.

É importante destacar nessa análise a quantidade de membros do Piauí que participaram daquele evento. Foram dez membros efetivos, dois membros especiais e 17 observadores. Eram números bastante expressivos, que indicam uma superação na totalidade dos participantes naquela assembleia, entre os estados do Norte (Amazonas, Pará), Nordeste (Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe), Sudeste (Espírito Santo), Centro-Oeste (Mato Grosso) e Sul (Santa Catarina).

Esse dado de 29 membros/participantes permite afirmar, primeiramente, que a turma participava do debate nacional a respeito do curso, podendo assim definir os seus anseios em solicitar melhores condições a atender às necessidades do curso de Enfermagem no Piauí. Por consequente, afirmava que a participação não era composta somente por discentes da primeira turma, pois essa totalizava um número de no máximo 20 alunas, tendo em vista que nossas fontes não consolidam quando a turma passou a ser integralmente composta por 15 alunas após o vestibular. Assim, é sólida que também havia a participação de professoras do curso piauiense. Ainda, há a participação de alunos de outras turmas, visto que, a cada semestre, ofertavam-se 20 vagas para o vestibular em Enfermagem na UFPI.

Número e Procedência	Qualificação							Total
	Efetivo	Especial	Observador	Benemérito	Honorário	Colaborador	Institucional	
Amazonas	11	03	—	—	—	—	—	14
Pará	15	—	—	—	—	—	—	15
Maranhão	24	14	—	—	—	—	—	38
Piauí	10	02	17	—	—	—	—	29
Ceará	49	21	04	—	—	—	—	74
Rio Grande do Norte	08	16	—	—	—	—	—	24
Paraíba	35	17	04	—	—	—	—	56
Pernambuco	38	20	01	—	—	—	—	59
Alagoas	11	—	—	—	—	—	—	11
Sergipe	11	—	—	—	—	—	—	11
Bahia	351	49	18	—	01	97	01	517
Minas Gerais	56	10	02	—	—	—	—	68
Espírito Santo	08	—	—	—	—	—	—	08
Rio de Janeiro	27	06	—	—	—	—	—	33
Guanabara	266	11	21	01	02	—	—	301
São Paulo	243	33	13	—	02	—	—	291
Paraná	38	02	02	—	—	—	—	42
Santa Catarina	14	04	—	—	—	—	—	18
Rio Grande do Sul	67	02	06	—	—	—	—	75
Mato Grosso	07	—	—	—	—	—	—	07
Distrito Federal	50	—	—	—	—	—	—	50
Goiás	33	04	—	—	—	—	—	37
Estrangeiros	—	—	01	—	—	—	—	01
Total	1372	214	89	01	05	97	01	1779

Figura 5 - Quadro demonstrativo de membros participantes do XXVII Congresso Brasileiro de Enfermagem segundo qualificação, número e procedência. Salvador, BA, Brasil, 1975

Fonte: Assembleia de Delegados ^(17;132).

Mas a questão que surge inicialmente com base nas conclusões acima é: como era a organização das pessoas que constituíam o curso para participar dos congressos, desde o planejamento, a lista de participantes e o financiamento para inscrição e deslocamento? Assim, tem-se que

O reitor era muito empenhado, gostava muito da gente. No dia da nossa formatura, ele disse: “Minhas enfermeirinhas”, como se fosse uma coisa que ele tivesse muito carinho e o curso era uma coisa que ele tinha muito prazer em ajudar, era o professor José Camilo da Silveira Filho, o reitor da nossa época. Ele ajudou muito. Tudo que precisávamos, era só falar e ele nunca negou nada. É tanto que esses congressos que tinham, todas nós íamos para congresso e a universidade ajudava, a prefeitura ajudava, essas grandes lojas de Teresina ajudavam, então a gente tinha todo esse amparo (Depoente 7).

Dessa maneira, é plausível a solução para os porquês quanto à difusão da participação das piauienses nos congressos. Houve auxílio administrativo do reitor para conduzir a chegada dos membros do Piauí em assembleias como a de 1975, ocorrida em Salvador/BA. Mas essa colaboração administrativa da UFPI ocorre a partir do emblemático ano de 1975, com o reitor José Camilo da Silveira Filho (1976 a 1981), que cultivava um afeto pelas estudantes do curso e pelas necessidades decorrentes no transcurso da graduação de Enfermagem.

Não apenas da UFPI, embora seja significativo esse registro, havia uma mobilização de diversas instâncias, desde a prefeitura até o comércio de Teresina, que financiava a participação daquelas estudantes em congressos. Esse aspecto, embora interessante, não era notado como algo excepcional, já que não existia uma estrutura que indicasse uma obrigação das outras esferas em relação à formação em extensão universitária.

Porém, não se deve silenciar a impreterível importância para a cidade de Teresina, capital do estado, quanto ao investimento impreterível da prefeitura e comerciantes para a qualidade do ensino superior, a fim de gerenciar o desenvolvimento, ao possibilitar uma formação mais completa as futuras profissionais do Piauí. Conclui-se que a convivência de colegas de vários estados da federação contribuiu e contribui para maior enriquecimento de cada congressista, sobretudo pela ampla oportunidade de manifestação de diferentes correntes de pensamento da categoria.

De outro modo, a garantia de participação das discentes e docentes de enfermagem nos congressos as qualifica para as novidades na formação. Portanto, a referência de uma década entre um congresso e outro remete ao tema da atualização constante sobre a oferta e a prática na área da enfermagem.

Desse modo, reafirma o norte central do nosso estudo, bem como responde à nossa questão problema, a história da criação do primeiro curso de graduação em Enfermagem no Piauí entre as vertentes, sempre resultando no desejo de atender com qualidade às demandas no serviço de saúde no âmbito da Enfermagem.

Demonstra-se o quanto o curso continua a consolidar a sua qualidade desde a colação de grau da primeira turma, em 1977. O seu legado de compromisso em garantir a melhor formação na graduação de Enfermagem UFPI permanece, formando os recursos humanos de Enfermagem, com incentivo à carreira de pessoal nessa área e à moralização de seu acesso aos serviços nos níveis federal, estadual e municipal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Enfermagem da UFPI construiu e promoveu, ao longo dos seus 50 anos de existência, o lócus para a consolidação da Enfermagem no Piauí. Não é possível conhecer a história da Enfermagem piauiense desconhecendo a criação da primeira graduação em Enfermagem do estado.

Destaca-se a luta das alunas pioneiras que, diante de tantas dificuldades, advertências, orçamentárias e políticas, nunca desistiram. Essas egressas lutaram pela implementação do curso, melhoria das condições de ensino e autonomia departamental, tendo um papel importante na criação e consolidação da Enfermagem.

Foram averiguadas as dificuldades durante a criação e implantação do curso de Enfermagem no CCS/UFPI. De outro modo, a análise permite destacar que a criação da graduação de Enfermagem foi importante para a sociedade piauiense, por agregar capacitação, e ampliou o acesso de pessoas que desejavam cursar Enfermagem. Antes dessa graduação, não era viável uma formação nesse curso sem a necessidade de migração para outros estados no Brasil, fato que criava barreiras ao ingresso no curso.

REFERÊNCIAS

1. Basílio AC, Ferro MAB. Enfermeiras piauienses que contribuíram para a enfermagem brasileira: história e memória de experiências profissionais. *Rev Saúde Desenvolv* [Internet]. 2012 [citado 27 jan. 2024];2(1):6885. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/75>.
2. Medeiros M, Tipple ACV, Munari DB. A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. *Rev Eletr Enfermagem* [Internet]. 1999 [citado 27 jan. 2024];1(1):1-17. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/0e33a6e9-540a-421d-949d-6e437670059b/content>.
3. Rocha MEMO, Nunes BMVT. Expansão dos cursos de graduação em enfermagem: estudo no Piauí. *Rev Bras Enferm*. 2013;66(3):391-8. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000300014>.
4. Nunes BMVT. 40 anos do curso de enfermagem da Universidade Federal do Piauí (UFPI). *Rev Enferm UFPI*. 2013;2(1):1-2. <https://doi.org/10.26694/reufpi.v2i1.1041>.
5. Soares AF, Ferreira ALS. Criação do primeiro curso de graduação em enfermagem no Piauí [trabalho de conclusão de curso]. Teresina (PI). Universidade Federal do Piauí, 2024.
6. Oliveira AC, Oliveira GS, Corrêa AMC. A história oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa. *Rev Prisma* [Internet]. 2021 [citado 02 fev. 2024];2(1):63-77. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/43/34>.
7. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12a ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco; 2010.
8. Bardin L. Análise de conteúdo. 5a ed. rev. atual. Lisboa: Edições 70; 2010.
9. Silva ACB. O ensino de enfermagem no Piauí: história e memória [dissertação]. Teresina (PI): Universidade Federal do Piauí; 2009.
10. Vilar BM, Borges LDVNM, Santos AMR. Escola Maria Antoinette Blanchot e a institucionalização do ensino auxiliar de enfermagem no Piauí. *Rev Bras Enferm*. 2008;61(5):647-52. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000500019>.

11. Nogueira LTA. Trajetória da enfermagem moderna no Piauí: 1937-1977 [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 1996.
12. Malta DV. Criação, implantação e consolidação do primeiro curso de graduação em enfermagem no Espírito Santo (1976-1981) [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 2016.
13. Universidade Federal do Piauí, Diretoria de Administração Acadêmica. Concludentes em enfermagem em 1977. Teresina (PI); 1977.
14. Rocha FC, Lira JNV, Leite MTF. Currículos do curso de enfermagem da UFPI: uma história em movimento. Ling Educ Soc [Internet]. 2010 [citado 01 fev. 2024];(22):247-70. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingeducsoc/article/view/1485>.
15. Desorganização ameaça o curso de enfermagem. Jornal O DIA (Teresina). 03 jul. 1975;(4321):01, 03.
16. Nunes BMVT. Repensando a prática e construindo caminhos: uma análise crítica do ensino-aprendizagem de enfermagem da universidade federal do Piauí. Teresina (PI): UFPI; 1998.
17. XXVII congresso brasileiro de enfermagem Salvador: 27-07 a 02-08-75. Rev Bras Enferm. 1975;28(3):121-31. <https://doi.org/10.1590/0034-716719750003000016>.

Submissão: 19/09/2024

Reformulação: 26/11/2024

Aprovação: 28/11/2024

Editor chefe: Deybson Borba de Almeida

Editor associado: Deybson Borba de Almeida

Avaliadores *ad hoc*:

Nivia Vanessa Carneiro dos Santos

Rodrigo Nogueira da Silva

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

ALSF, AFS, PMGC - concepção do estudo

ALSF, AFS - coleta de dados

ALSF, AFS - análise dos dados

ALSF, AFS - redação do manuscrito

PMGC, AMRS, MZAM - revisão crítica para conteúdo intelectual importante